

a vitória
é
certa

•
GUIA DO ALFABETIZADOR

MPLA

LUCIO LARA

Índice

palavras ao alfabetizador • pag.5

recomendações gerais • pag.7

como alfabetizar? • pag.9

textos políticos • pag.37

vocabulário • pag.59

Camarada Alfabetizador,

TU SABES LER E ESCREVER.

Mas, no nosso país, em cada cem pessoas, noventa e nove não o sabem.

Este é um dos terríveis males da situação provocada pelo colonialismo e pelo imperialismo em Angola. Os colonialistas portugueses nunca se interessaram em dar ao Povo Angolano um mínimo de instrução. Pelo contrário, impediram-no mesmo. As dificuldades económicas criadas ao nosso povo, a falta de escolas, a segregação racial impediram os filhos da nossa terra de tomarem conhecimento da leitura e da escrita.

Para um povo que não sabe ler nem escrever é mais difícil compreender as causas da sua miséria, é mais difícil organizar-se, porque tem dificuldade em comunicar. Por isso, o analfabetismo ajuda os colonialistas e todos os exploradores.

Nós fazemos uma Revolução Popular contra o colonialismo e contra as estruturas de exploração que ele impôs ao nosso país. Temos por tanto que destruir todos os males causados pelo domínio estrangeiro.

Um desses males é o ANALFABETISMO. Combatê-lo é uma das tarefas revolucionárias que se nos impõe.

Ajudando os outros companheiros a ler e a escrever, tu estás a cumprir uma tarefa de patriota e de revolucionário. Comunicando aos outros aquilo que condições diversas te permitiram saber, estás a prestar um grande contributo à Revolução Nacional e ao Povo de Angola.

As dificuldades que encontrarás podem ser grandes.

Mas elas podem ser vencidas pela tua vontade de militante e pelo

desejo que os camaradas analfabetos têm de aprender. Ao mesmo tempo que ensinas, verás que aprenderás muito com os companheiros que alfabetizas.

Lendo este "GUIA DO ALFABETIZADOR", tu encontrarás resposta a muitas das tuas dificuldades. Outras surgirão, para as quais este Guia não apresenta solução. Tu deverás registar essas dificuldades e comunicá-las ao teu responsável dentro do MPLA. Se, na tua actividade prática, conseguires resolver essas dificuldades, deves também indicar como fizeste, para que a tua experiência possa servir aos outros camaradas alfabetizadores.

Este Guia, assim como o Manual "A VITÓRIA É CERTA", são uma primeira tentativa de encontrar um método simples e eficiente de alfabetização, adaptado às realidades angolanas. Com o teu contributo, em críticas e sugestões, ele poderá ser melhorado e enriquecido.

Camarada Alfabetizador,

Com o teu esforço e dedicação, muitos angolanos aprenderão a ler e a escrever. Com o teu esforço e dedicação, desenvolver-se-á cada vez mais a nossa Revolução Popular.

Com coragem e persistência, venceremos mais esta batalha contra a ordem colonial e imperialista :

O POVO ANGOLANO VENCERÁ O ANALFABETISMO!

A VITÓRIA É CERTA!

Recomendações Gerais

Camarada alfabetizador,

Deves ter sempre presentes as seguintes recomendações gerais :

- 1)- Tu não és um professor nem os teus companheiros são alunos . Tu és apenas alguém que teve possibilidades, por várias razões, de aprender o que os teus companheiros não aprenderam, e que, neste momento, cumpres a tarefa revolucionária de o comunicar aos outros. Tu e os teus companheiros analfabetos, formam um grupo ao serviço da revolução.*
- 2)- Deves manter relações de camaradagem, de igualdade, de respeito mútuo, para com os teus companheiros analfabetos. Deves pensar que não lhes estás a fazer um favor pessoal, mas que, tu e eles, todos estão cumprindo um dever: o de ensinar e o de aprender.*
- 3)- Deves constantemente interessar-te pelos seus problemas, pelo seu trabalho e pela sua vida.*
- 4)- Deves fazer atenção constante às suas dificuldades e preocupações.*
- 5)- Repara que alguns camaradas analfabetos podem ter defeitos da vista ou do ouvido. Ajuda-os particularmente.*
- 6)- Nunca dêes ordens durante a lição, nem percas a paciência.*
- 7)- Nunca esqueças que o trabalho no grupo de alfabetização é colectivo.*

- 8)- *Muda de exercício sempre que sintas que os camaradas estão cansados.*
- 9)- *Não esqueças que tu aprendes tanto dos camaradas quanto eles aprendem de ti.*
- 10)- *Evita todo e qualquer acto da parte dos camaradas que possa envergonhar ou ferir um outro camarada menos dotado. Só assim poderá haver um bom espírito de camaradagem dentro do grupo.*
- 11)- *Tanto quanto possível, sobretudo nas primeiras lições, faz-te passar despercebido no meio do grupo, para que todos dêem livremente as suas opiniões.*
- 12)- *Antes de dares cada lição, estuda-a atentamente, servindo -te das explicações contidas neste Guia.*
- 13)- *Não comeces nenhuma lição sem estudar os TEMAS POLÍTICOS que vêm no fim deste Guia. Sempre que encontres alguma palavra difícil, consulta o VOCABULÁRIO deste Guia.*
- 14)- *Cada alfabetizador deve ensinar só 12 (doze) camaradas.*
- 15)- *Faz os camaradas terem cuidado com o seu Manual. Lê-lhes as instruções que vêm na capa do Manual.*

Como alfabetizar ?

O Manual "A VITÓRIA É CERTA" consta de duas partes:

- A primeira parte só tem desenhos e fotografias.
- A segunda parte, a partir da lição, que constitui a alfabetização propriamente dita.

A PRIMEIRA PARTE

A primeira parte é bastante importante, porque se destina a dois fins: tirar os complexos de inferioridade que os camaradas analfabetos possam ter e mostrar-lhes a importância dos trabalhadores na sociedade humana, através dos tempos. À medida que o método de alfabetização for explicado compreenderemos melhor estes dois fins.

No grupo de alfabetização, há o alfabetizador e os camaradas analfabetos. Durante as primeiras lições, os camaradas analfabetos poderão sentir-se inferiorizados. Podem ter vergonha do alfabetizador ; isso acontecerá certamente se o alfabetizador não souber manter uma atitude de total camaradagem; podem achar-se incapazes de aprender. Estes complexos impedem ou dificultam a tarefa do alfabetizador. Uma pessoa que está à vontade, sabendo que se encontra entre camaradas, sabendo que aprenderá se se esforçar, terá grandes facilidades em aprender.

Por outro lado, os analfabetos sempre se sentiram inferiores na sociedade. Desde pequenos foram habituados a considerar-se menos capazes e, por isso mesmo, pobres e ignorantes. Ora isso é totalmente falso. Os camponeses e os operários não são inferiores aos patrões e aos colonialistas. Foram os camponeses e os operários que construíram tudo o que existe no nosso País, bem como em todo o Mundo.

Porque sem trabalho não há progresso. Se eles não sabem ler é porque os patrões e os colonialistas os impediram de aprender; se eles não têm instrução é porque a instrução só é permitida às classes exploradoras ou a uma pequena minoria de explorados. É porque são explorados e oprimidos que os camponeses e operários são ignorantes.

Mas se eles são ignorantes no que diz respeito à leitura e escrita, eles já não o são naquelas coisas que dizem respeito ao seu trabalho. Conhecem melhor do que ninguém os ciclos de vida das plantas, ou os instrumentos com que trabalham.

É necessário dar estas noções aos camaradas analfabetos. Há ainda que dar-lhes a noção de que, assim como foram eles os construtores do nosso País, são eles sobretudo que lutam pela libertação total de Angola e são eles a garantia da vitória da Revolução Popular.

Por isso tudo, o Manual "A VITÓRIA É CERTA" começa com cinco páginas de desenhos e duas páginas de fotografias sem palavras escritas. Estes desenhos e fotografias servem para serem discutidos por todo o grupo de alfabetização. A DISCUSSÃO DOS DESENHOS E FOTOGRAFIAS É MUITO IMPORTANTE.

Veremos a seguir como se devem fazer estas sete primeiras discussões.

Observação Importante

LE AS INSTRUÇÕES QUE VÊM A SEGUIR, TENDO NA TUA FRENTE O MANUAL DE ALFABETIZAÇÃO.

1ª figura de desenho: pag. 1

- O alfabetizador senta-se no meio dos camaradas, sem se colocar em destaque.
- Diz aos camaradas para abrirem o Manual "A VITÓRIA É CERTA" na página do primeiro desenho a discutir.
- Pergunta: "O QUE VEMOS NESTE DESENHO?" Esta pergunta deve ser feita sempre da mesma maneira e colocando a palavra "VEMOS" e nunca frases como: "O que vêm vocês neste desenho?". A pergunta feita da segunda maneira marcará uma separação entre o alfabetizador e o analfabeto que só pode ser prejudicial.
- Os camaradas responderão que vêm um grupo de homens, talvez destacando um rapaz, um homem, um velho, uma mulher e um miúdo; que vêm uma casa, uma catana, uma flor, um elefante, um carro e uma árvore.
- Alguns camaradas poderão não compreender o desenho, ou não conhecer alguns objectos nele representados. Haverá porém alguns que os conhecem e os outros aprenderão. Se nenhum souber, então o alfabetizador deverá indicar o nome desses objectos, mas só depois de se ter passado um tempo suficientemente longo para que todos descubram.
- Pode acontecer que os camaradas dêem pormenores. Por exemplo, que a casa é uma casa de adobe ou coberta de capim, que a árvore tem frutos, que é um imbondeiro, etc. O alfabetizador não deve impedir que esses pormenores sejam indicados, antes pelo contrário, deve incitar os companheiros a indicá-los. *Nunca se deve esquecer o objectivo destas primeiras aulas: tirar os complexos aos camaradas, pô-los à vontade e conseguirem expôr melhor as suas ideias.*
- Depois de todos os motivos do desenho terem sido indicados, o alfabetizador deverá perguntar: "QUAIS SÃO AS COISAS FEITAS PELO HO MÊM E QUAIS SÃO AS COISAS FEITAS PELA NATUREZA?".
- Como vemos, há três coisas para cada caso: carro, casa e catana, que são produtos do trabalho do homem; flor, elefante e imbondeiro, que são produtos da Natureza.
- Aqui poderá haver pontos de vista diferentes. Dizer-se, por exemplo, que a flor é um produto do trabalho do homem, na medida em que é regada por ele para crescer (o que pode não ser verdade, por causa da chuva). Também algum camarada poderá dizer que o homem é feito pelo homem. *O alfabetizador não deverá, de modo nenhum, im-*

pedir essa discussão, com uma explicação imediata. Ele deverá deixar os camaradas expressarem as suas ideias e discutirem o mais profundamente possível. Ele dirigirá a discussão, porém, de uma maneira despercebida.

- Depois de a discussão ter sido esgotada, o alfabetizador resumirá os pontos principais, caso seja necessário.
- É muito possível que, nesta primeira aula, os camaradas analfabetos não discutam logo desde o início. Isto porque estarão pouco à vontade. *O alfabetizador não deve desanimar. Deve insistir nas perguntas, deve procurar conversa sobre os desenhos.* Porque desde que os camaradas comecem a falar, nunca mais haverá problemas de hesitação, vergonha, resistência à discussão, incapacidade de falar.
- Cada aula deverá durar à volta de uma hora e meia. Pode-se discutir mais que um desenho por aula, mas só quando as discussões forem completamente esgotadas.

2ª figura de desenho: pag.2

- O alfabetizador pergunta : "O QUE VEMOS NESTE DESENHO?".
- Depois de tudo bem explicado, o alfabetizador pedirá para serem indicadas as coisas feitas pelo trabalho do Homem e as da Natureza.
- Não esquecer que quando se fala no Homem com maíuscula, nos queremos referir ao género humano. Não se quer dizer que a pessoa pertence ao sexo masculino ou ao sexo feminino. Neste desenho, por exemplo, é uma mulher que cava a terra. Isso não impede que se fale em trabalho do Homem (homem ou mulher). Esta diferença pode provocar confusão no espírito dos camaradas.
- Aqui poderá surgir uma discussão sobre o que faz a mulher, se trabalha para ela e para a sua família ou para o colono, como vive, o grau de exploração, etc. O alfabetizador deverá estimular essa discussão.

3ª figura de desenho: pag.3

- O alfabetizador fará as mesmas perguntas dos casos anteriores.
- Poderá haver camaradas que desconheçam a charrua. Isso deverá

ser explicado pelos outros analfabetos. Caso nenhum conheça, será o alfabetizador a fazê-lo. A charrua é um instrumento de trabalho que serve para revolver a terra mais depressa e mais profundamente que a enxada. Nos sulcos abertos pela charrua, semeia-se ou planta-se.

- Depois de completamente discutido o desenho, o alfabetizador pedirá que este seja comparado com o segundo desenho, representando uma mulher a cavar. Pedirá para serem mostradas as diferenças.
- Haverá muitas diferenças a apontar: em primeiro lugar, o progresso que houve nos instrumentos de trabalho (da simples enxada passou-se à charrua, o que melhora muito o trabalho; passou-se a utilizar o boi, o que aumenta a capacidade de produzir do Homem); em segundo lugar, o progresso dos conhecimentos do próprio Homem que aprendeu a servir-se dum instrumento mais complicado e aperfeiçoado e que rende mais. Este progresso nas forças produtivas (instrumentos de trabalho, Homem, etc) foi devido à maior capacidade do Homem em dominar a Natureza, transformando-a com o seu trabalho. Foi com o trabalho que ele aprendeu como melhorar os seus instrumentos. É pois pelo trabalho que o Homem se distingue dos outros animais e se desenvolve culturalmente, isto é, obtém mais conhecimentos.
- O alfabetizador deverá deixar que os camaradas descubram esse progresso. Ele explicará, no fim, caso seja necessário, que esse progresso é devido ao trabalho criador do Homem na sua luta contra a Natureza. O primeiro Tema Político pode ajudar o alfabetizador.

4ª figura de desenho: pag.4

- Mesmas perguntas dos desenhos anteriores.
- Pedir para se descreverem bem as diversas profissões apresentadas
- Mostrar que esse desenho representa o povo trabalhador, construtor de todas as riquezas.
- Permitir discussões sobre quem beneficia desse trabalho do povo, isto é, o colonialista-capitalista; e de que maneira ele o faz.
- Para estas 4 primeiras figuras, o primeiro TEMA POLÍTICO ajudará muito o alfabetizador.

5ª figura de desenho: pag.5

- Perguntar, como sempre : "O QUE VEMOS NESTE DESENHO?"
- Deixar os camaradas descobrir que se trata do pagamento do imposto.
- Quando se conseguir isso, perguntar para onde vai o dinheiro do imposto. Se ninguém conseguir responder, dizer que é para a construção de prédios como o que está representado à direita, construído pelo povo para o colonialista. Mostrar o cipaio e explicar o seu papel de traidor ao povo. Estabelecer a comparação entre as cubatas da sanzala (à esquerda) e o grande prédio europeu da direita.
- Incitar todas as discussões sobre este tema: "O POVO É EXPLORADO" com outros exemplos do dia-a-dia semelhantes aos do desenho.
- Como este desenho é complicado e permite uma discussão bastante larga, seria aconselhável reservar-lhe uma aula inteira. No entanto dependerá do interesse dos camaradas no debate.
- Não esquecer que são os camaradas que devem descobrir todas as su gestões dadas pelo desenho. Só se eles não repararem ou não perceberem um certo aspecto é que o alfabetizador deverá chamar-lhes a atenção. Porém, tentará fazê-lo com outras perguntas. *Não esquecer que o interesse deste método é obrigar os camaradas analfabetos a descobrirem coisas que conhecem sem o saberem; mostrar-lhes que, embora analfabetos, não são ignorantes das questões da vida de todos os dias.* Isso dar-lhes-á um sentimento justo de confiança neles mesmos, o que facilitará muito a alfabetização.

6ª figura de desenho: pag.6

- Esta figura tem duas fotografias tiradas no interior de Angola Livre.
- O alfabetizador indicará a primeira fotografia (de cima) e perguntará : "O QUE VEMOS NESTA FOTOGRAFIA?".
- Deixar que os camaradas descubram que é uma reunião no interior de Angola entre responsáveis do MPLA, membros dos Comitês de Acção, guerrilheiros e povo.
- Orientar a discussão neste sentido: o povo que trabalha e constrói todas as riquezas é explorado pelos colonialistas e capita -

listas. Por isso ele deve lutar para vencer o colonialismo. Mas para lutar precisa organizar-se. A organização faz-se à base de um partido político, constituído por militantes. A Organização do Povo Angolano é o MPLA. O povo organiza-se nos Comités de Acção para resolver os seus problemas. Discutir sobre o papel dos Comités de Acção.

- No caso de os companheiros não acertarem com o tema representado, o alfabetizador deverá guiá-los, não por sugestões mas sim por meio de perguntas que os aproximem da resposta.
- Caso ninguém o faça, chamar a atenção para o militante que está de pé a escrever e para o camarada que está sentado na mesa, também a escrever. Orientar a discussão para a utilidade de se saber ler e escrever, o que melhora as possibilidades de as pessoas se organizarem e lutarem. Isso fará aumentar o desejo de aprender.
- Depois de completamente esgotada a discussão da primeira fotografia, o alfabetizador deverá indicar a segunda fotografia e perguntar : "O QUE VEMOS NESTA FOTOGRAFIA?".
- Deixar que os camaradas descubram que se trata de um grupo de mulheres assistindo a uma reunião política.
- Orientar a discussão neste sentido : as mulheres angolanas trabalham e são exploradas como o resto do Povo. Elas devem também participar na organização e na luta. Já há camaradas que são guerrilheiras, professoras, enfermeiras, mobilizadoras-organizadoras, membros de Comités de Acção, etc. As mulheres que estão na fotografia ainda parecem pouco à vontade e sem saber bem como participar. Mas com a prática da revolução, elas também serão militantes activas. O papel da mulher na revolução é tão importante como o do homem. Ela tem o mesmo dever e direito de participar que o homem.
- Para esta discussão, o TEMA POLÍTICO nº 10 poderá ajudar o alfabetizador.

7ª figura de desenho: pag.7

- Perguntar : "O QUE VEMOS NESTA FOTOGRAFIA?".
- Deixar que os camaradas descubram que se trata de um destacamento do MPLA.

- Orientar a discussão neste sentido : o Povo trabalha e é explorado; para lutar, organiza-se; a sua organização é o MPLA; o MPLA luta contra o colonialismo português; o MPLA já conseguiu libertar algumas regiões de Angola.
- Se os camaradas apontarem detalhes : que todos os guerrilheiros, que aparecem na foto, estão bem armados e fardados, mostrar que isso nem sempre sucede. As dificuldades são grandes, mas o Povo luta com as armas que tem. A VITÓRIA É CERTA !

Com a sétima figura termina a primeira parte do curso. Repetimos, uma vez mais, que esta parte é exclusivamente dedicada a mostrar que o Homem vence a Natureza, modificando-a pelo seu trabalho e pondo-a ao seu serviço. Da mesma maneira, pela luta, o Homem poderá modificar a Sociedade e criar uma ordem social mais justa.

Esta primeira parte mostra também que o trabalhador é, afinal, o elemento que cria as riquezas e o progresso. Que, por isso, ele poderá aprender a ler e a escrever, pois que todos os dias faz coisas e acções bem mais difíceis. Que com a alfabetização ele estará melhor preparado para compreender a opressão colonialista e capitalista e para modificar a situação em seu favor.

Esta primeira parte, se for bem orientada pelo alfabetizador, terá mostrado aos camaradas analfabetos que eles, afinal, são capazes de interpretar as figuras e que conhecem muito mais do que aquilo que eles pensavam. Da mesma maneira que discutiram as figuras, também poderão aprender a ler e a escrever, pois não são inferiores a quem o sabe.

Para obter estes resultados, é necessário que o alfabetizador dê provas de grande habilidade : orientando os debates para as conclusões mais importantes, sem parecer fazê-lo. O melhor processo, repetimos, é por perguntas sucessivas que obriguem os camaradas a aprofundar os temas.

Na página 8 começa a alfabetização propriamente dita. Porém, antes de cada lição, há sempre uma figura de acordo com a frase indicada no Ponto 1 de cada lição, ou com os textos políticos como o da página 13. Cada lição começa com a discussão da figura correspondente e depois passa-se à leitura.

NOTA : Cada sessão deverá durar perto de uma hora e meia.

Nunca passar à lição seguinte sem ter a certeza que os camaradas aprenderam bem a lição anterior.

PRIMEIRA LIÇÃO (1)

1

- Abrir a discussão com a pergunta : "O QUE VEMOS NESTE DESENHO?".
- O desenho mostra Angola e os angolanos na sua vida diária. Angola é representada como se fosse um quimbo, com as fronteiras representadas por uma vedação. Vêem-se as linhas de caminho de ferro e mesmo os combóios, várias cubatas, um homem a pescar, uma mulher a cavar, etc. Este desenho serve para mostrar a forma do país e que este é constituído por populações diferentes.
- O alfabetizador deve deixar os camaradas descobrir o que representa o desenho e dirigir a discussão neste sentido : Angola é a Patria de todos os angolanos; é um grande país que tem populações diferentes, mas todos estão unidos pelo facto de serem angolanos e sofrerem da mesma maneira a exploração colonialista.
- Depois de o desenho ter sido discutido profundamente, o alfabetizador chamará a atenção para a vedação que indica o mapa de Angola. Explicará ou fará explicar que o nosso país tem no terreno o formato indicado pelo traço. Dirá também com que países faz fronteiras.

- Depois de chegar a este ponto, indicar o desenho, contornar o mapa e dizer: "ISTO É ANGOLA". "ANGOLA É A NOSSA TERRA". Como veremos a seguir, esta frase dá início à alfabetização. Por isso, a discussão deve ser encaminhada para a dita frase.

2

Ponto 1 - Repete : "ANGOLA E A NOSSA TERRA". Lê em senuida O A E. Faz os camaradas repetir contigo. FÁ-los dizer sòzinhos, depois.

Ponto 2 - Lê O A E o a e. Lê depois com os camaradas e fá-los ler sòzinhos por fim. Explica que umas letras são maiúsculas e outras minúsculas.

Ponto 3 - Diz: "VAMOS LER". E lê duas vezes todas as palavras, lentamente e pronunciando bem. Lê em seguida com os camaradas.

NOTA : As palavras devem ser lidas segundo a ordem em colunas. Primeiro, a coluna da esquerda, depois a do meio, etc.

Ponto 4 - Diz: "VAMOS MARCÁR AS LETRAS QUE CONHECEMOS EM". Lê tu a frase e depois fá-los marcar as letras conhecidas.

NOTA : Se os alunos aprenderem bem as três vogais ensinadas, não se limitarão a assinalar uma de cada, como está no Ponto 1, mas assinalarão todas as vogais que aparecem, incluindo o A (maiúsculo).

Ponto 5 - Diz : "VAMOS COPIAR". Aqui aparecem, em letra cursiva (escritas à mão), as vogais estudadas.

- Faz observar que a letra cursiva é diferente da letra impressa.
- Copia na pedra ou no caderno dos alunos as letras ou frases citadas neste ponto. Fá-lo lentamente e descrevendo o traço que fazes em voz alta, para que lhes seja depois fácil imitar.
- Convida-os a copiar. Presta-lhes ajuda individual.

NOTA : Convém que cada aluno tenha a sua letra própria, como lhe dá mais jeito, baseada na convencional.

3

- Lê aos camaradas os números das páginas desta lição.

- Lê : "PRIMEIRA LIÇÃO" e mostra o número 1.
- Lê os números de todos os pontos da lição. Por exemplo: "1. Vamos ler".
- Faz isto para todas as lições.

Observação Importante

Nas duas primeiras lições, os progressos parecem lentos, porque os camaradas só aprenderão as vogais. A partir da terceira lição, verá-se que os camaradas começam já a ler sozinho.

SEGUNDA LIÇÃO (2)

1

- Fazer a pergunta habitual.
- O desenho representa angolanos dos vários grupos que compõem o país, sentados em círculo no chão, ouvindo um guerrilheiro que fala. Vê-se que as pessoas estão vestidas de maneira diferente, umas do Norte, outras do Sul, umas do Leste, outras do Oeste, uns citadinos, outros camponeses. O guerrilheiro que fala tem uma granada numa mão e um livro na outra (isso indica duas tarefas fundamentais: lutar por todos os meios contra o colonialismo português e aprender).
- Deixar os camaradas discutir todos os detalhes. Dirigir a discussão neste sentido: os angolanos podem ter costumes diferentes de região para região, mas todos são explorados pelo colonialismo; as diferenças regionais ou tribais não podem separar os angolanos; isso enfraquece o Povo; os angolanos devem lutar contra o tribalismo, o regionalismo, o racismo, que são inimigos do Povo e aliados do colonialismo; o Povo deve estar todo unido.
- Mostra em seguida que todas as pessoas estão sentadas no chão, em círculo, o que representa a união do Povo. Assim se chegará à ideia da frase : "O POVO ESTÁ UNIDO" que o alfabetizador pronunciará. Desta maneira se passa à parte seguinte da lição: a leitura.

- Ponto 1 - Diz: "1. VAMOS LER : O POVO ESTÁ UNIDO". Em seguida u i. Faz os camaradas ler contigo. Fá-los depois ler sòzinhos.
- Ponto 2 - Diz: "2. VAMOS LER : U I u i. Faz os camaradas ler sòzinhos.
- Ponto 3 - Diz: "3. VAMOS LER". E lê duas vezes todas as palavras , lentamente e pronunciando bem. Lê em seguida com os camaradas. Repara que eles só conhecem as vogais. Por isso , não é preciso que fixem as palavras.
- Ponto 4 - Diz: "4. VAMOS MARCAR AS LETRAS QUE CONHECEMOS EM: O POVO ESTÁ UNIDO". Faz os companheiros assinalar as letras conhecidas. Repara que nesta frase aparecem as cinco vogais. Os camaradas deverão reconhecê-las todas e não apenas o u e o i. Depois disso, diz que são estas todas as vogais que existem em português.
- Ponto 5 - Diz: "5. VAMOS COPIAR". E faz o mesmo que na lição anterior.

Texto 1 - Página 13

- Faz os camaradas discutir o desenho da página 12 e que representa o colonialismo.
- Depois da discussão, diz que vais ler o texto e pede aos camaradas para prestarem atenção, visto que deverão repeti-lo depois. Lê duas vezes, alta e lentamente. Faz depois os camaradas lerem contigo. Finalmente, que o leiam eles sòzinhos.

NOTA : Os camaradas não conhecem senão as vogais. Eles ficarão apenas com uma ideia visual das palavras que irão aprendendo a conhecer, à medida que lhes forem ensinadas as consoantes.

TERCEIRA LIÇÃO (3)

As lições 3, 4, 5 e 6 principiam com a frase "O POVO UNIDO LUTA", o

que marca um assunto a discutir e a aprofundar. As figuras corresponsáveis destas quatro lições também ilustram esta frase. Assim, em cada figura é representada uma maneira possível de se lutar; luta ideológica, económica e política (armada ou não).

- O desenho da terceira lição representa uma cena de politização das massas.
- Deixar os camaradas discutir e chegar a essa conclusão.
- No fim da discussão, o alfabetizador deverá resumir o que se disse e mostrar o papel importante da politização das massas para o progresso da Revolução.

2

Ponto 1 - Repara que para o ensino das consoantes se apresenta uma frase, apresenta-se depois uma palavra dessa frase (povo), divide-se em sílabas. A sílaba que contém a consoante a ensinar está em caracteres mais grossos. Depois fazem-se as combinações possíveis dessa consoante com todas as vogais (po pa pe pi pu).

- Diz: "1. VAMOS LER". E lê duas vezes todo o Ponto 1. Lê-o em seguida com os companheiros. Fâ-los ler sòzinhos.

Ponto 2 - Diz: "2. VAMOS LER". Lê duas vezes todas as palavras. Lê-as em seguida com os companheiros. Fâ-los ler sòzinhos.

- Chama a atenção para o ditongo da palavra pau. Diz que ditongos são duas vogais que se pronunciam duma só vez, com um só sopro. À medida que novos ditongos aparecerem nas lições seguintes, chama a atenção dos companheiros.

NOTA : A partir desta lição, nos pontos 2 e 3 só aparecerão palavras cujas letras já os companheiros conhecem, ensinadas ou nas lições anteriores ou no Ponto 1 da lição respectiva. Assim, pode ser que, se leres uma só vez o Ponto 2 de cada lição, os camaradas associem as diversas sílabas já conhecidas isoladamente e sejam capazes de ler sòzinhos logo em seguida.

- Este ponto só termina quando os companheiros forem capazes de ler sòzinhos as palavras dadas.
- Se houver dificuldades muito grandes sobre uma ou outra palavra, passa-se à frente.

Ponto 3 - Diz: "3. VAMOS LER SÒZINHO". Deixa os camaradas lerem. Faz notar que o o sòzinho (artigo) se lê u, que o e sòzinho se lê i e que o a (artigo) se lê â. Tranquiliza os camaradeiros sobre esta dificuldade. Não insistas muito para que pronunciem correctamente. Com a prática, eles aprenderao bem.

NOTA : Se os camaradeiros não conseguirem ler sòzinhos, a juda-os. Fá-los depois repetir.

Ponto 4 - Diz: "4. VAMOS COPIAR". Faz o mesmo que nas lições anteriores.

QUARTA LIÇÃO (4)

1

O desenho representa uma recusa de trabalho por parte dos trabalhadores (greve). Os trabalhadores ameaçam o colonialista que parece, pela posição de defesa, ter medo. A greve é uma forma de luta (luta económica), para a obtenção, por parte dos trabalhadores, de melhores salários, benefícios ou apenas como protesto contra os abusos dos patrões.

- Faz os camaradas discutirem o desenho e depois conclui a discussão, inscrevendo a greve na luta geral contra o colonialismo e o capitalismo.

2

Todas as lições são feitas da mesma maneira. A partir daqui, só chamaremos a atenção para casos novos que surjam. O alfabetizador deve guiar-se pelo esquema da terceira lição.

Porém, antes de iniciar uma lição, o alfabetizador deve fazer os alunos lerem sòzinhos o Ponto 1 e o Ponto 3 da lição anterior, e chamar a atenção para os casos particulares que nessa lição se encontrarem (na lição anterior, por exemplo, o ditongo au).

- Chama a atenção para os ditongos que aparecem no Ponto 2 : vai, veio, viu. Mostra a diferença existente entre o caso desses ditongos e as palavras via ou voa, em que há duas vogais juntas, mas que não se lêem duma só vez.
- Dá a noção do que é uma sílaba.

- Mostra a diferença de som duma mesma vogal, conforme o acento que tem (exemplo : avô, avó).

QUINTA LIÇÃO (5)

1

O desenho representa uma manifestação de trabalhadores, junto do Posto Administrativo. Antes da discussão, lê a palavra POSTO que aparece em cima da porta. Dá início à discussão com a pergunta habitual.

SEXTA LIÇÃO (6)

1

A gravura mostra um mobilizador-organizador do MPLA a falar para os representantes do Povo, fazendo agitação e mobilização políticas.

Depois de os camaradas discutirem este desenho, faz um apanhado dos assuntos apresentados nas figuras das lições*3, 4, 5 e 6, que representam várias formas de luta. Podes citar outras formas de luta que não estejam representadas, por exemplo, as sabotagens, a luta armada (que aparecerão noutras figuras).

2

Ponto 2 - Chama a atenção para a maneira de se ler a sílaba terminando por l, como em útil, alto, ou total, onde o l vem depois de vogal.

Ponto 5 - Volta a ler duas vezes o texto da página 13 e faz depois os camaradas lerem sozinho. Convida-os a reconhecer várias sílabas já estudadas.

Texto 2 — Página 23

O mesmo processo que para o texto da página 13. A figura da página anterior ao texto está de acordo com ele e representa a independência, a expulsão do colonizador.

 SÉTIMA LIÇÃO (7)

1

O desenho está de acordo com a frase do Ponto 1: "O POVO DIRIGIRÁ ANGOLA". Uma das maneiras de o fazer é serem os operários a dirigirem a produção (para exemplo, dá-se o caso de uma fábrica) e a progredirem nos seus conhecimentos técnicos e políticos.

2

Ponto 5 - A partir desta lição, o alfabetizador deverá ditar sempre a frase que é lida no Ponto 3 e copiada no Ponto 4. Deve ditar com voz clara e lentamente, dando tempo para que os camaradas escrevam. É preciso corrigir os erros havidos, explicando-os.

 OITAVA LIÇÃO (8)

1

O desenho representa uma outra maneira como "O POVO DIRIGIRÁ ANGO LA". o voto, as eleições. Se os camaradas não conseguirem descobrir o significado do desenho, deverá ser o alfabetizador a desenvolver o tema. Só nesta lição, a título excepcional, isso pode acontecer, porque os camaradas não devem saber o significado da figura. Em todas as outras discussões de figuras, devem ser os camaradas a descobrir o significado delas e o alfabetizador deverá somente orientar as discussões.

2

- Nesta lição só se ensina o som brando (fraco) de r.
- Chamar a atenção para os nomes próprios de pessoas, lugares, países ou continentes, que principiam sempre por letra maiúscula.

 NONA LIÇÃO (9)

1

A gravura representa um outro aspecto da maneira de o Povo dirigir Angola: os camponeses e operários agrícolas, possuindo a terra que trabalham; a agricultura mecanizada com tractores, para dar ...

2

Nesta lição só se ensinam os sons go, ga, gu. Os outros sons possíveis da letra g só serão ensinados mais tarde.

Texto 3 — Página 31

O texto é ilustrado pela gravura, que significa a derrota iminente do colonialismo.

DÉCIMA LIÇÃO (10)

1

A guerra não é a única acção do Povo contra o colonialismo. A luta comporta também acções como a de escrever nas paredes as palavras de ordem e frases que mobilizem o Povo. Esta é uma das formas de luta nas cidades. Esta acção é uma boa ajuda à guerra de libertação.

2

Nesta lição só se ensinam os sons co, ca, cu, da letra c. Os outros sons serão ensinados depois.

Ponto 2 - Mostra como o acento modifica o som de Cuito, separando as sílabas Cu- i.

- Os nomes de rios, cidades e aldeias principiam sempre por maiúscula.

DÉCIMA PRIMEIRA LIÇÃO (11)

1

O colonialismo vai perder a guerra, devido à acção do Povo Angolano que luta por todos os meios e com todas as armas de que dispõe. É a coragem do Povo, organizando-se e lutando, que conseguirá, afinal, a vitória da Revolução.

2

Ponto 2 - A palavra meu oferece duas dificuldades. Uma já deverá ser conhecida dos camaradas: o ditongo; a outra é a ligação do p com o n, caso de duas consoantes juntas. Como

a palavra é muito conhecida oralmente, o problema será em parte facilitado.

Revisão

- Faz os companheiros lerem sòzinhos as frases apresentadas, que ser vem de revisão às lições anteriores. Assim poderás avaliar os pro gressos e dificuldades dos camaradas.
- Fá-los copiar essas frases depois.

DÉCIMA SEGUNDA LIÇÃO (12)

1

O Povo, preparando-se para abater o colonialismo, treina-se militar mente, dentro da organização militar do MPLA.

Formação do Exército Revolucionário.

2

Ponto 2 - MECÂNICO : Mostra a acção do acento circunflexo, fechando as vogais.

MUITO : palavra irregular. Diz apenas como deve ser lida, acrescentando que é uma excepção.

Ponto 3 - MPLA : explica porque se escreve em maiúsculas, que são as iniciais de "Movimento Popular de Libertação de Angola". Escreve o nome por extenso e depois mostra como se reúnem as letras iniciais para formar a sigla conhecida.

DÉCIMA TERCEIRA LIÇÃO (13)

1

Uma acção de guerrilha só pode ser vitoriosa se tiver o apoio das populações. De muitas maneiras se manifesta a acção popular de apoio aos guerrilheiros. Uma delas é abastecê-los de víveres e de munições, servir de correio, etc. Com o apoio de todo o Povo, o colonialismo perderá a guerra.

 DÉCIMA QUARTA LIÇÃO (14)

1

Outra das operações que muitos danos causa aos colonialistas é a acção de sabotagem. Explica-a.

2

Explicar que o g vale j quando junto a e e a i. Que para ter o valor g, como Guiné, é necessário colocar um u antes da vogal. Com os vários exemplos dados, os camaradas fixarão bem.

 DÉCIMA QUINTA LIÇÃO (15)

1

Emboscada feita pelos guerrilheiros. Outro aspecto da guerra.

NOTA IMPORTANTE : *Pode ser que alguns desenhos estejam totalmente errados ou que tenham algumas imperfeições. Este, por exemplo, pode estar militarmente errado. O alfabetizador não se deve atrapalhar. Ele pedirá aos camaradas para dizerem porquê está errado e como deveria ser feita a emboscada.*

2

Explicar que para o r ter o som forte, quando colocado entre vogais, tem de ser dobrado. Senão seria lido como nos exemplos da OITAVA LIÇÃO. Fazer comparação com esta lição. Mostrar que o r tem sempre som forte quando em princípio de sílaba.

Texto 4 — Página 47

Utiliza o mesmo processo que para os textos anteriores. A figura anterior mostra um guerrilheiro que avança, apesar das bombas que destroem as aldeias e matam as populações.

 DÉCIMA SEXTA LIÇÃO (16)

1

A série de desenhos que ilustram as lições 16, 17, 18, 19 e 20,

mostra a acção que os guerrilheiros podem ter junto das populações. Essa acção é muito importante, pois mais aproximará o Povo dos militantes e uma maior confiança será estabelecida entre eles. Só sendo apoiado pelo Povo, o exército de libertação poderá vencer uma luta contra o colonialismo e o imperialismo. A potência militar e de armamento do inimigo, o exército de libertação opõe a sua coragem e o apoio das massas populares.

Este primeiro desenho da série mostra os guerrilheiros do MPLA patrulhando os rios, para evitar ataques dos colonialistas portugueses sobre as populações das regiões libertadas.

2

- Esta lição ensina duas coisas: a primeira é a letra b. A segunda é o som nasalado antes de b e p, em que se utiliza a letra m. Explicar o emprego de m nestes casos.
- Mostrar também a diferença de som quando antes do m aparece a letra e em fim de palavra e se lê ein. Exemplo: tem, também, etc.
- Chamar a atenção para o facto de que o m não se lê quando serve para nasalar a vogal anterior.

DÉCIMA SÉTIMA LIÇÃO (17)

1

A figura representa uma sessão de alfabetização feita por um guerrilheiro junto do Povo.

2

Esta é a primeira vez que se ensina a letra s e não é no seu som puro. Mais tarde se ensinarão os outros sons desta letra. Na presente lição, o alfabetizador deverá limitar-se a mostrar o som que s toma quando antecedido de uma vogal. Poderá, entretanto, dizer que mais tarde se verão outros sons.

Ponto 2 - Mostra que há diferenças na maneira de pronunciar o som as nas palavras: arrasta e asno, por exemplo, assim como em gosto e em osga. Em arrasta e gosto, o s toma o valor brando de ch, enquanto que em asno e em osga ele se aproxima de j. Isso é devido à influência da consoante seguinte: se ela é gutural (g), nasal (n), ou palatal (l), o som de s aproxima-se de j; se a consoante seguinte é dental

(t ou d) ou labial (p, b), o som aproxima-se de j .

- Entretanto, nesta lição, limita-te a mostrar que há diferença. Sempre que notes um som de s precedido de vogal, diferente do mais habitual sh, chama a atenção dos companheiros. Mais tarde dirás então que esta diferença é devida à natureza da letra seguinte. Convém dizê-lo apenas na altura em que os camaradas tenham já vários exemplos acumulados no seu espírito.

Ponto 3 - Mostra a influência do acento circunflexo na palavra têm. Faz a comparação de som com o singular tem .

- No final da lição, explica como se faz o plural das palavras, acrescentando s ao singular. Não te preocupes com as excepções como lápiz .

DÉCIMA OITAVA LIÇÃO (18)

1

A figura mostra mais uma acção dos guerrilheiros do MPLA junto das populações angolanas: uma enfermeira trata um ferido.

2

Esta lição é destinada a explicar os ditongos nasais (caso de ão, ãe, õe) ou o caso de uma vogal nasalada pelo til (ã).

Ponto 2 - Procura fazer os camaradas pronunciar bem, insistindo com eles.

Ponto 3 - Mostra a semelhança entre o som am da palavra deitam e o ditongo ão.

- Mostra que para o som nasal de o se emprega m ou n, como em bombas e não o til. O til õ nasaliza o o no caso de ditongo (õe).
- Mostra que para o som nasal de e se emprega m ou n, como na palavra comem.
- Indica os plurais com os respectivos singulares. Exemplo : cão, cães ; avião, aviões ; pão, pães.

1

A figura representa o avanço dos guerrilheiros, que toda a força mi litar do Inimigo é incapaz de impedir.

2

Ponto 3 - A partir desta lição, as frases que apareciam no Ponto 3 são substituídas por pequenos textos que se complicarão à medida que se avança.

VIGÉSIMA LIÇÃO (20)

1

Acção de reconstrução das aldeias destruídas pelos colonialistas. O guerrilheiro é um trabalhador, junto do Povo.

2

Ponto 2 - Mostra a semelhança de som entre a letra z e a letra s, quando esta está entre duas vogais.

- Diz que o som z é mais uma possibilidade de som da letra s, mas que ainda se verão outros casos possíveis.

Ponto 3 - Mostra o uso do ponto final para separar as frases.

Texto 5 - Página 59

O desenho anterior (página 58) representa a alegria popular por ser conquistada a Independência e a Liberdade.

Os desenhos que aparecerão a ilustrar as lições 21, 22, 23, 24, 25 e 26, mostrarão algumas das conquistas do Povo Angolano, quando for vitoriosa a Revolução Popular. Eles mostram o resultado da luta popular para bem do Povo do nosso País.

VIGÉSIMA PRIMEIRA LIÇÃO (21)

1

Uma das conquistas populares com a Revolução será a escola para todos, em todo o País.

- Ponto 2 - Aqui são ensinadas várias particularidades da letra h. Quando seguida de vogal, esta letra não modifica em nada o som da vogal. Porém, modifica o som l ou n que a precedem.
- Ponto 3 - Mostra a vírgula, que os camaradas conhecem já visualmente dos textos anteriores e explica agora para que serve, separando partes das frases, sem as terminar (caso do ponto fina!). A prática das lições seguintes levará os camaradas a compreender melhor o uso da vírgula.
- Mostra que, depois de ponto final, a palavra que principia a nova frase começa sempre por maiúscula, assim como os nomes próprios.

VIGÉSIMA SEGUNDA LIÇÃO (22)

1

A Revolução representa a mudança de tudo o que é opressão, hoje, sob o colonialismo, em coisas que trarão o bem-estar e a felicidade ao Povo Angolano. O Posto do colonialista será banido com a Revolução; no seu lugar serão feitos hospitais.

2

Esta lição ensina duas coisas: o som e emprego do j e a nasalação feita com a letra n.

- Mostra a semelhança do som j e do som g quando esta última letra é seguida de e ou i.
- Para se ter o som j com as vogais a, o, u só se pode empregar a letra j. Quando se trata das vogais i ou e, as letras j ou g têm o mesmo efeito. Diz que não há regra para se saber distinguir qual a consoante que deve ser empregue. Só a prática poderá fazer conhecer totalmente o caso de emprego de uma ou outra. Recorda os camaradas de que a vogal u, colocada entre g e e, impede o som je ou ji.
- O emprego de n para nasalar as vogais é feito sempre que a consoante seguinte não é p ou b, ou então que não seja em fim de palavra. Nestes casos emprega-se o m.
- Estas duas últimas notas devem ser explicadas só depois de ter sido lido o Ponto 2 e antes de se passar ao Ponto 3.

 VIGÉSIMA QUINTA LIÇÃO (25)

1

Depois da independência, o exército colonialista, destinado a oprimir o Povo, será substituído por um Exército Popular, que trabalhará também para a construção do País.

2

Esta lição mostra a união de várias consoantes. Repete com os camaradas os vários sons, até que eles pronunciem bem.

 VIGÉSIMA SEXTA LIÇÃO (26)

1

Outra das aquisições da Revolução será o desenvolvimento da cultura nacional e o acesso à instrução de todos os angolanos, o que hoje só é benefício de uma pequena minoria.

2

Esta lição ensina a modificação que o h traz ao c e, por outro lado, ensina o som de az, ez, iz, oz, uz. Aqui o z tem mais ou menos o valor brando de ch, como o s precedido de vogal.

 VIGÉSIMA SÉTIMA LIÇÃO (27)

Esta última lição com figuras é diferente das outras na sua forma. Deve sê-lo também na maneira como será dada.

1

O desenho, representando um camaleão, deverá provocar uma pequena discussão sobre a particularidade deste animal: o de mudar de cor.

2

O alfabetizador deverá ler duas vezes o Ponto 1. Depois fará os camaradas lê-lo. A partir daí, deverá convidar os camaradas a lerem sôzinhos todo o Ponto 2. Eles poderão fazê-lo, visto que cada som de x é explicado anteriormente.

 VIGÉSIMA TERCEIRA LIÇÃO (23)

1

O desenho representa mais uma das conquistas do povo angolano, quando o nosso País for independente: a construção de fábricas, que permitirão o trabalho para todos e a elevação do nível de vida do Povo.

2

Nesta lição ensina-se o som puro da letra s e os sons das letras ç e ç, que são todos iguais.

Ponto 2 - Depois de teres lido este ponto duas vezes com os camaradas, mostra que, quando colocado entre duas vogais, o s tem de ser dobrado para ter o seu som puro. Se não, ler-se-ia z, como já foi dito.

- Mostra que a letra ç tem o som s quando seguida de e ou i e o som ç nos outros casos.
- Mostra como o ç tem o mesmo emprego dos ss (s dobrado) entre vogais e o mesmo emprego que s quando precedido de consoante. Indica que o ç não é empregue no princípio de palavra.

Ponto 3 - Depois de fazeres os camaradas lerem este ponto, mostra o sinal de dois pontos e explica o seu emprego.

 VIGÉSIMA QUARTA LIÇÃO (24)

1

Outra conquista da Revolução será a possibilidade de todos os trabalhadores angolanos fazerem parte de Sindicatos que defendam os seus interesses.

2

Mostra a identidade de som entre ç e a letra ç, quando esta é seguida de a, o ou u. Explica que o u não se lê depois do ç, quando for seguido de i ou e, mas que se lê quando for seguido de a. Exemplo: *quando, qualquer, quente, quintal.*

Ponto 3 - Mostra o emprego do ponto de exclamação.

 VIGÉSIMA OITAVA LIÇÃO (28)

Todos os sons e letras já foram ensinados. Por isso as lições seguintes são diferentes, já não há figuras e só há textos.

Estes textos servirão para fazer uma revisão dos conhecimentos adquiridos pelos camaradas e para os aperfeiçoar na leitura.

- 1 - Faz os camaradas ler a lição, procedendo da seguinte maneira: cada camarada lerá sòzinho uma frase da lição. Depois outro lerá a frase seguinte e assim sucessivamente até dois terem lido pelo menos duas frases.

Por exemplo, nesta lição 28, contando o título como uma frase, haverá 7 frases no texto. Se houver 9 camaradas no grupo de alfabetização (sem contar com o alfabetizador), o 1º camarada lerá sòzinho o título, o 2º lerá a primeira frase, etc... Até que todos tenham lido pelo menos duas frases. Se os camaradas, ao lerem, tiverem dificuldades, a leitura continuará. Faz sempre de maneira a que os camaradas leiam frases diferentes.

No caso de haver 7 camaradas, se se fizesse a roda, cada um voltaria sempre a repetir a mesma frase. Assim, quando o 7º camarada ler a última frase do texto, o alfabetizador lerá ele próprio o título, o que fará que o 1º camarada lerá da segunda vez a 1ª frase e não o título como anteriormente.

Quer dizer, quando o número de camaradas for diferente do número de frases, o alfabetizador não se incluirá no grupo de leitura. Quando o número de camaradas for igual ao número de frases, o alfabetizador entrará também na leitura.

- 2 - Depois da leitura, chama a atenção dos camaradas para os casos especiais que aparecerem e que já foram anteriormente explicados. Por exemplo: em havia o h inicial seguido de vogal não muda o som da vogal; o n que nasaliza o A de Angola, antiamamente, etc; o ditongo nasal ão de região, etc.
- 3 - Acabada a leitura e a explicação dos casos, faz o ditado do texto e corrige-o, explicando os erros.

 TRIGÉSIMA PRIMEIRA LIÇÃO (31)

Estas últimas lições são todas feitas da mesma maneira que a li-

ção nº 28.

Acabado o último texto e depois do ditado, provoca uma discussão sobre o conteúdo das lições 28, 29, 30 e 31. O seu assunto é essencialmente o perigo do tribalismo e da desunião do Povo, a necessidade de união dentro do MPLA, único partido popular angolano.

Os TÊMAS POLÍTICOS 9 e 10 do Guia de Alfabetizador ajudar-te-ão particularmente a orientar a discussão.

- Se um ou vários camaradas mostrarem dificuldades grandes num ou outro ponto destas últimas lições, volta atrás, à lição onde se ensinava o caso que apresenta dificuldades e volta a explicar, como se fosse da primeira vez (quer dizer, seguindo a ordem dos Pontos da lição, salvo a discussão da fioura que já não tem interesse).
- Não esqueças que numa campanha de alfabetização se exige um gran de esforço dos camaradas, que aprenderão a ler em menos tempo que normalmente na escola. É por isso natural que haja certas dificuldades que só desaparecerão totalmente com várias repetições e muita paciência.

NOTA IMPORTANTE · Não esqueças que a alfabetização é o primeiro (e talvez o mais difícil) passo para se aprender a ler, mas que não é o único. Acabada a alfabetização, aconselha os camaradas, com insistência, a continuarem a ler, para não perderem a prática. Se eles ficarem sem ler, esquecerão completamente tudo o que aprenderam e todo o esforço terá sido inútil. Tudo pode servir para exercício: um bocadinho de jornal, um livro qualquer e, sobretudo, as publicações do MPLA. Continua a seguir o trabalho dos camaradas, mesmo depois de estarem alfabetizados, e ajuda-os; assim eles vão aperfeiçoar-se na leitura e na escrita mais depressa do que sozinhos. A tua responsabilidade só termina quando o grupo que alfabetizaste está completamente preparado, lendo e escrevendo com facilidade.

Textos

Políticos

1. O TRABALHO DO HOMEM É A BASE DO PROGRESSO

A todo o momento nós vemos que nos aperfeiçoamos, que aprendemos, constantemente, coisas novas. Quando éramos pequenos, sabíamos muito pouco. Os nossos pais, os irmãos, os amigos, os mais velhos, ensinaram-nos a fazer coisas novas. Mais tarde, aprendemos porque é que as árvores crescem, porque é que os animais nascem e morrem. Aprendemos também a trabalhar e como somos explorados pelos colonialistas. Aprendemos isso tudo com a ajuda dos nossos pais, amigos ou mais velhos. Quer dizer que os homens comunicam conhecimentos uns aos outros. Da mesma maneira, ensinaremos esses conhecimentos aos nossos filhos ou aos amigos que não os têm. Assim, tudo o que os homens aprendem não é esquecido. É ensinado aos outros. Portanto, fica a ser um conhecimento da sociedade.

Os nossos pais aprenderam com os seus pais e com os seus mais velhos. Mas não foi só assim que eles souberam coisas. Se só aprendessem com os seus mais velhos, então só saberiam tanto como eles. Nós também só saberíamos tanto como os pais dos nossos pais. Portanto, não teria havido progresso nos conhecimentos.

Ora, vemos que não é assim. Nós conhecemos muita coisa que esses mais velhos não conheciam. Por exemplo, nós conhecemos o avião, o carro, o rádio, como fazer a luta para a independência. Os mais velhos dos nossos pais não conheciam isso. Nós sabemos muito melhor de que maneira os colonialistas nos oprimem e nos exploram, do que sabiam esses mais velhos. Quer isto dizer que houve um progresso na cultura, um aumento dos nossos conhecimentos. De onde veio esse progresso?

Esse progresso nos conhecimentos veio do trabalho do Homem. Todo o progresso vem do trabalho dos homens. Vamos ver como isso acontece.

Se somos camponeses, é com o trabalho de todos os dias e mais os conhecimentos dos nossos mais velhos que aprendemos como capinar, semear e tratar das plantas. E acabamos sempre por descobrir coisas que os nossos pais não conheciam.

Se somos operários, ensinam-nos a trabalhar com uma máquina. Primeiro fazemos mal as coisas e demoramos muito tempo, podemos mesmo estragar a máquina. Porém, à medida que continuamos a trabalhar, cada vez conhecemos melhor essa máquina e, um dia, podemos mesmo repará-la. Com o trabalho, aprendemos a conhecer muito bem a máquina.

Nós não sabíamos ler. Ensinarão-nos. Depois fomos sempre lendo coisas novas. Primeiro, com muita dificuldade. Pouco a pouco, quanto mais líamos, mais depressa e melhor o fazíamos. Até que, a um certo momento, começámos a ler bem e a perceber quase tudo. Houve um progresso na leitura. Esse progresso foi devido à prática de todos os dias, ao trabalho constante.

É isto o progresso nos conhecimentos, na cultura. Ele é devido ao nosso trabalho de todos os dias.

Isto que acontece com cada um de nós, acontece com a Humanidade em geral, isto é, o conjunto de todos os homens do Mundo. Há cem anos, o avião, o rádio, o carro, ainda não eram conhecidos, não tinham sido inventados. Mas os conhecimentos obtidos pela Humanidade e aqueles que já vinham das gerações anteriores permitiram essas invenções. Há cem anos, os operários e os camponeses eram explorados em todos os países. Mas os homens foram aprendendo como eram explorados e descobriram de que maneira não o seriam: apareceu o socialismo. Vários Povos fizeram uma Revolução e construíram o socialismo. E esses povos hoje são livres; os operários e os camponeses desses países já não são explorados. São donos das riquezas nacionais.

A Humanidade progride, aperfeiçoa-se e ganha sempre mais benefícios. Esse progresso só é possível com o trabalho. As invenções que se fizeram (charrua, aviões, carros, máquinas, etc) só apareceram porque os operários trabalhavam e descobriam novas maneiras de trabalhar melhor. O socialismo apareceu porque o trabalho dos homens criou um grande avanço na técnica e na produção dos bens materiais. Esse avanço não seria mais possível se os benefícios fossem só para os exploradores (capitalistas). Era necessário que esses benefícios fossem para os trabalhadores. Por isso, apareceu o socialismo.

Nós vemos assim que é o trabalho do homem que faz aumentar a sua experiência da vida e das coisas, a sua cultura. É com o trabalho que o homem pode aperfeiçoar os instrumentos de trabalho (catana, pá, enxada, charrua, máquinas, etc) quer dizer, fazer desenvolver a técnica. É por isso que dizemos que o trabalho do Homem é a base de todo o progresso da Humanidade.

Se a base do progresso da Humanidade é o trabalho, e se os trabalhadores são aqueles que criam todas as riquezas, devemos dizer então que os trabalhadores têm o papel mais importante na vida da Humanidade. Na luta contra a Natureza, para a modificar em seu proveito, o Homem trabalhador criou as condições de felicidade da Humanidade.

Em Angola, todas as riquezas foram feitas pelos trabalhadores das minas do campo ou da cidade. São eles que merecem a felicidade.

2. O CAPITALISMO

Em muitos países do Mundo ainda há capitalismo. Ele também existe em Angola. O capitalismo é uma forma de exploração e de opressão.

Nos países capitalistas há várias classes sociais (grupos de homens que têm o mesmo papel na produção e em relação à propriedade, o que os faz terem os mesmos interesses). Uma das classes é a capitalista, que domina as outras. As classes sociais dominadas pelos capitalistas são o proletariado e o campesinato.

A classe capitalista também se chama burguesia. O proletariado é formado pelos trabalhadores assalariados. Os burgueses exploram os proletários e os camponeses. Vamos ver como :

Nos países capitalistas, as fábricas, as terras, as minas, os bancos, as casas, pertencem aos burgueses. Os proletários são obrigados a trabalhar nessas propriedades dos capitalistas. E são obrigados, porque as fábricas ou as lavras não lhes pertencem. A única coisa que lhes pertence é a força de trabalho, isto é, a capacidade que eles têm de trabalhar. Para poderem viver, eles são obrigados a vender a sua força de trabalho ao capitalista que é dono da fábrica ou da terra. Quer dizer : trabalham na fábrica ou na fazenda do capitalista e são pagos com um salário. Esse salário é sempre muito mais pequeno que a riqueza que eles produziram com o seu trabalho. Se, por exemplo, um operário num dia faz um martelo que vale 20 escudos, ele só recebe 10 escudos por esse trabalho. Os outros 10 escudos vão para o bolso do capitalista. O capitalista não trabalhou para ganhar esses 10 escudos. Ele recebe-os porque a fábrica é dele: porque os instrumentos e ferramentas que o operário usou para fazer o martelo são do capitalista. É assim que os trabalhadores são explorados pelos burgueses, que possuem os meios de produção (ferramentas, instrumentos, fábricas, minas, terras, etc).

A partir do socialismo, os meios de produção deixam de pertencer à burguesia. Eles pertencem à sociedade toda. Por isso não pode haver exploração dos trabalhadores, no socialismo.

Nos países capitalistas, o Governo defende os interesses dos burgueses contra os trabalhadores. O Governo faz leis contra os trabalhadores, tem polícia, exército e tribunal, que só servem para oprimir o Povo. Tudo isso são meios de que os capitalistas se servem para explorar e oprimir as classes trabalhadoras.

Nos países capitalistas, os trabalhadores vivem na miséria, enquanto os capitalistas vivem no luxo e na riqueza. Os trabalhadores (o

perários e camponeses pobres) são considerados inferiores pelos burgueses. Os burgueses estão convencidos de que só eles são inteligentes e capazes.

Os proletários e os camponeses pobres dos países capitalistas lutam contra a classe dos burgueses, porque são explorados e vivem na miséria. Lutam para destruir o Estado capitalista, defensor dos interesses da burguesia, e para criar o socialismo. Há portanto uma luta de classes : a luta da classe proletária, aliada aos camponeses, contra a classe capitalista.

3. O COLONIALISMO

O colonialismo é uma das maneiras de domínio de um país por outro. A burguesia dos países europeus, que enriqueceu devido à exploração dos trabalhadores dos seus países, começou a dominar os povos de África, Ásia e América. Os portugueses foram os primeiros colonizadores europeus e desde o século XVI exploram o nosso Povo.

Os povos coloniais são dominados de todas as formas pelos colonialistas. São governados pelo Estado colonialista, que defende os interesses da classe burguesa da Metrópole. São obrigados a fornecer as matérias-primas muito baratas. Os povos coloniais são forçados a trabalhar para os colonialistas com salários muito baixos. Por outro lado, a mão-de-obra (trabalhadores) é forçada. No nosso país existe o contrato (que é o trabalho forçado).

Todos os meios de produção (instrumentos, ferramentas, terras, fábricas, etc) pertencem à burguesia do país colonizador. Ou então, muito raramente, pertencem em parte à burguesia do país colonizado : alguns proprietários africanos conseguem manter as suas propriedades. Isto só acontece quando os colonialistas não têm força suficiente para se apoderarem de todos os meios de produção ou quando alguns meios de produção não lhes interessam. Em Angola existiu uma classe burguesa africana, que era dona de certos meios de produção. Hoje quase não existe.

As colónias servem também como mercado para os produtos do país colonizador. Quer dizer, as mercadorias fabricadas no país colonizador são vendidas por alto preço aos povos dominados. Com isso, os colonialistas ganham grandes lucros. Vejamos como se passa a exploração colonialista das nossas riquezas : Portugal compra muito barato o algodão que Angola produz. Esse algodão vai para Portugal e entra nas fábricas, onde se fazem os tecidos. Os tecidos feitos com o algodão de Angola são depois vendidos no nosso país a um preço muito alto.

O nosso país é dominado directamente pelo Estado português. Como os colonialistas são donos das fábricas, das minas, das casas de comércio, dos bancos, etc, eles apoderam-se das riquezas criadas pelas classes trabalhadoras angolanas. O Povo angolano compra os tecidos, o vinho e os objectos feitos em Portugal.

O Povo angolano não tem direitos. Se ele exige qualquer coisa, a polícia e o exército colonialistas vêm imediatamente defender os in-

teresses da burguesia estrangeira e vêm reprimir o Povo. O Povo angolano é forçado a trabalhar nas terras, nas fábricas, nas minas ou nas casas dos colonialistas; o Povo angolano é desprezado e mantido no analfabetismo e na ignorância, morre por falta de assistência médica, é vítima do racismo, etc. Isto é o colonialismo.

Como vemos, a exploração colonialista é semelhante à capitalista. Mas a diferença é a seguinte : nos países capitalistas, uma classe (a classe capitalista) explora as classes trabalhadoras (operários e camponeses) do seu país; nas colónias, uma classe (a classe capitalista do país colonizador) domina todas as classes de outro país: o país colonizado.

4 • O IMPERIALISMO

O imperialismo é um caso particular do capitalismo. Com o desenvolvimento do capitalismo, as burguesias de muitos países passaram a dominar os povos de outros países. Esta nova fase do capitalismo chama-se o IMPERIALISMO. Assim, nós vemos hoje que os capitalistas americanos, ingleses, alemães, franceses, belgas, espanhóis, portugueses, etc. dominam muitos povos de África, da Ásia e da América Latina. Há diferenças na maneira de os imperialistas dominarem os povos, como veremos nas páginas seguintes. Mas agora estudaremos o imperialismo no geral.

Nos países imperialistas, os capitalistas juntam-se em monopólios. Os monopólios concentram a produção e a venda da maior parte das mercadorias. Eles exploram os outros países (países dependentes), onde não comprar as matérias-primas muito baratas e onde, mais tarde, vão vender os seus produtos muito mais caro.

Mas, principalmente, os monopólios exportam capitais para os outros países, quer dizer, aplicam grandes quantidades de dinheiro na exploração de terras, minas e mesmo fábricas dos outros países. Todo o lucro obtido volta para as Metrópoles. Assim, os monopólios apoderam-se das riquezas dos países dependentes e, além disso, vão aumentar o seu poder económico nos seus países, com o dinheiro ganho na exploração.

Vejamos um exemplo, entre muitos, da exploração imperialista em Angola: a Petrofina, monopólio belga, explora o petróleo de Angola e vende uma grande parte para o estrangeiro. Obtém lucros enormes com a venda do petróleo bruto ou da gasolina. Esses lucros são enviados para a Bélgica, onde vão reforçar o capital do monopólio da Petrofina.

Os imperialistas de todo o Mundo estão interessados em explorar os povos dependentes. Por isso vemos que os americanos, os alemães, os belgas, os ingleses, os franceses, os portugueses, etc, estão unidos no pacto da OTAN. Por isso vemos que os americanos, os ingleses e os outros ajudam os portugueses a dominar o Povo angolano.

Mas os diferentes países imperialistas, às vezes, entram em conflito, porque todos querem apanhar as mesmas riquezas. São como os cães que lutam por causa do mesmo osso. Por isso houve as guerras mundiais entre os imperialistas. Por isso vemos que, embora ajudando os colonialistas portugueses, os americanos e outros ajudam ao mesmo tempo Holden Roberto, agente imperialista em Angola.

O imperialismo pode aparecer de duas maneiras : ou o colonialismo (o nosso caso) ou o néo-colonialismo. Atrás vimos o que era o colonialismo. Veremos a seguir o néo-colonialismo.

5. O NÉO-COLONIALISMO

O néo-colonialismo é o domínio económico feito pelo imperialismo nos países já independentes politicamente. Este domínio pode vir da infiltração dos monopólios imperialistas na economia dum país. Ou pode ser a transformação das colónias em países independentes, politicamente, mas que continuarão sob a pata dos imperialistas.

Em África, quase todos os países que sofrem o néo-colonialismo eram colónias até há pouco tempo. Vejamos pois como apareceu aí o néo-colonialismo.

Devido à luta popular contra o colonialismo, muitos países imperialistas são obrigados a dar a independência a esses povos.

Porém, eles arranjam uma maneira mais manhosa de continuar a explorar os povos. Antes de dar a independência, os imperialistas tentam liquidar as organizações revolucionárias. Ao mesmo tempo, procuram arranjar dentro do país colonizado certos homens que se deixam vender. Os imperialistas vão geralmente procurar esses fantoches entre os elementos burgueses da colónia. Os imperialistas só discutem e entram em negociações com esses elementos vendidos. O Povo, as classes trabalhadoras, não entram na discussão. Depois, os imperialistas dão a independência política e põem no governo esses fantoches, que prometem não tocar nos interesses económicos dos exploradores imperialistas.

Este governo fantoche, que não representa o Povo, toma logo medidas contra o Povo. Cria a sua polícia política para reprimir os representantes revolucionários do Povo; esta polícia é geralmente comandada pelos antigos colonizadores. O governo fantoche cria um exército que é comandado pelos antigos oficiais colonialistas; se há oficiais africanos, eles só servem para passar nas paradas e para assinar papéis. Quem dirige são os antigos colonialistas. O governo fantoche cria leis que mantêm a exploração dos monopólios imperialistas, contra os interesses do Povo. O governo fantoche faz acordos militares com o antigo colonizador. Assim, uma parte do exército colonialista mantém-se no país, pronto a intervir no caso de rebentar uma revolução popular contra o imperialismo.

O país fica independente no papel, tem bandeira, tem hino e tem governo. Mas, no fim de contas, esse governo só faz de cavataz do imperialismo. Quem governa verdadeiramente são os americanos, franceses, alemães ou outros.

Economicamente o país continua a ser tão dependente do estrangeiro

como era antes. São os monopólios imperialistas que ficam com as matérias-primas. São os monopólios imperialistas que vendem os produtos fabricados. São os monopólios imperialistas que enviam para fora do país os lucros aí obtidos.

Quem ganha com o néo-colonialismo ? O Povo não ganha nada. Só uma certa parte da burguesia africana, aquela que vai servir de capataz aos imperialistas, é que vai ganhar. Vai entrar no governo, na administração, no exército, na polícia, nos bancos, nas empresas. Antes, quando o país era colónia, essa burguesia não o podia fazer.

A outra parte da burguesia africana, aquela que tem pequenas terras ou fábricas, não ganha nada com o néo-colonialismo. É a burguesia nacional. Ela continua a ser dominada pelo imperialismo e pela burguesia vendida. No entanto, essa burguesia nacional, nas suas terras, nas suas fábricas, também explora a classe trabalhadora.

Por tudo isto, a luta de classes num país que sofre o néo-colonialismo é a seguinte : luta das classes trabalhadoras e da burguesia, aquela parte que é nacional, contra a burguesia-capataz e contra o imperialismo; luta das classes trabalhadoras contra a burguesia nacional que a explora.

A maior parte dos países de África, da Ásia e da América Latina sofrem a exploração néo-colonialista do imperialismo. O mais forte de todos os imperialismos é o norte-americano. Os povos de África, Ásia e América Latina lutam contra o imperialismo, o colonialismo e o néo-colonialismo. Só assim eles poderão ser totalmente livres.

6ª DESTRUIÇÃO DO IMPERIALISMO: LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL E REVOLUÇÃO

Quando um povo é dominado por uma classe estrangeira (caso do imperialismo), ou quando as classes trabalhadoras de um país são dominadas pela burguesia (caso dos países capitalistas), é preciso haver uma Revolução para que se acabe com esse domínio e exploração. Por esta razão, o povo angolano luta para se libertar do colonialismo português.

No caso de um país capitalista, a revolução feita pelo proletariado dará à sociedade inteira a propriedade sobre os meios de produção e criará o socialismo.

No caso de um Povo dominado por um país estrangeiro, a revolução acabará com a exploração dos monopólios imperialistas. A revolução trará muitas vantagens ao Povo: abertura de mais escolas, hospitais, fábricas, desenvolvimento agrícola, etc. O país será independente, política e economicamente. O Povo alcançará a independência completa.

No entanto, a revolução não acabará, com a obtenção da independência completa. Se for a burguesia nacional que estiver no poder, as classes trabalhadoras continuarão a fazer a revolução.

Lutar-se-á então por uma Revolução Socialista; pela destruição do aparelho do Estado capitalista, pelo fim da exploração da burguesia, mesmo que seja nacional, sobre as classes trabalhadoras. Pela nacionalização de todos os meios de produção.

Uma Revolução é, por isso, uma mudança de forma de sociedade. É a substituição de uma forma de economia por outra. A Revolução Socialista é a transformação de uma sociedade de exploração numa sociedade livre e igualitária.

Vemos assim que uma Revolução é o resultado da luta de classes. Nessa luta, a classe ou classes oprimidas vencem a classe dominante (reaccionária) e modificam a forma de economia e de sociedade a seu favor.

A Luta de Libertação Nacional contra o colonialismo e contra o imperialismo é uma fase da Revolução. Veremos em seguida qual é o processo revolucionário de uma luta de libertação nacional.

7. O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Como vimos atrás, um povo colonizado ou néo-colonizado sofre a feroz exploração do colonialismo e do imperialismo. O povo colonizado ganha cada vez mais consciência de que é necessário acabar com o domínio estrangeiro. Os operários fazem greves para melhorar os seus salários, tentam criar sindicatos que defendam os seus interesses. Isso provoca a repressão dos colonialistas. Os camponeses protestam contra o roubo das terras por parte das grandes fazendas e roças dos colonialistas. Isso provoca a repressão. Os elementos da burguesia nacional protestam contra a discriminação racial e económica. Surgem movimentos políticos pedindo a independência. Os dirigentes e militantes desses movimentos são presos, torturados, mortos. A ideia da independência cresce cada vez mais. O Povo compreende que tem de se organizar para lutar de todos os modos.

Se o dominador estrangeiro não cede às pressões populares, se ele se mantém, então o povo dominado pelo imperialismo tem de fazer uma Luta de Libertação Nacional. Esta luta é uma forma da luta de classes.

Num país dominado pelo imperialismo, quer sob a forma colonial quer sob a forma do néo-colonialismo, já vimos que uma classe (a burguesia do país imperialista) explora as classes trabalhadoras (operários e camponeses) e a burguesia do país dominado. Estas classes oprimidas pelo imperialismo unem-se num largo movimento contra ele. Assim, um movimento de libertação terá homens que pertencem à classe operária, aos camponeses, aos burgueses e aos intelectuais. Todos estes grupos se reúnem contra o inimigo comum: o explorador, e começam a Luta de Libertação Nacional.

A medida que a luta avança, uma parte da burguesia começa a vacilar e tenta obrigar o movimento de libertação a parar a luta, para que se façam negociações com os imperialistas. Esta burguesia sabe que é ela que vai beneficiar com as negociações, que abrirão a porta ao néo-colonialismo. A classe operária, os camponeses, a burguesia nacional anti-imperialista e os intelectuais revolucionários querem a continuação da luta. Dá-se então uma separação entre estas últimas classes e aquela parte da burguesia e dos seus intelectuais que se querem vender ao imperialismo. Os que querem ser capatazes do imperialismo são expulsos do movimento de libertação. O movimento de libertação anti-imperialista é então dominado pela burguesia nacional pelos operários, pelos camponeses e pelos intelectuais revolucionários.

Pode acontecer que a luta de classes entre os classes trabalhadoras

e a burguesia nacional provoque a divisão do movimento de libertação. Pode acontecer que esta luta de classes nunca seja muito forte em comparação com a luta contra o imperialismo. Isso depende de muitas coisas. Depende, em primeiro lugar, da força das classes trabalhadoras e da força da burguesia dentro do movimento nacionalista. Depende, em segundo lugar, da força do imperialismo dentro do país. Se a burguesia nacional vir que pode tomar o poder sem a ajuda dos trabalhadores, ela tentará fazê-lo. Isto, porém, não sucede, porque as burguesias nacionais nunca têm força suficiente para tomarem o poder sem a ajuda dos trabalhadores. A burguesia nacional tentará pois ocupar os postos-chave do movimento de libertação. Embora com pouca força, ela pode fazê-lo, mesmo em África, por que tem mais quadros, mais homens capazes de dirigir, quando se está no princípio da luta de libertação.

Porém, à medida que a luta se desenvolve, as classes trabalhadoras ganham maior experiência política, mais conhecimentos. Começarão a aparecer homens saídos das classes trabalhadoras e capazes de dirigir. Por outro lado, à medida que a luta se desenvolve, as massas trabalhadoras poderão chamar a defender os seus interesses aqueles intelectuais mais honestos e, por isso, mais revolucionários. Muitos dirigentes proletários são intelectuais que defendem os interesses mais profundos das massas trabalhadoras. Isso acontece, porém, com o desenvolvimento da luta de classes, com a participação, cada vez maior, dos trabalhadores na luta de libertação nacional, com o aperfeiçoamento dos conhecimentos políticos desses trabalhadores.

Pode acontecer que as massas trabalhadoras tomem a direcção do movimento de libertação nacional, antes de se chegar à independência. Nesse caso, com a independência, o poder virá para os trabalhadores. Eles construirão uma sociedade justa, uma sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista.

Mas também pode acontecer que as massas trabalhadoras não tenham força suficiente para dominar o movimento nacionalista e que seja a burguesia nacional a conquistar a independência do país, com o auxílio dos trabalhadores. A burguesia nacional tentará criar uma sociedade capitalista independente. Tentará criar uma economia capitalista, mas livre da pressão imperialista. Neste caso, a luta entre os trabalhadores e os burgueses continua. Mas ela mantém-se em segundo plano, tal como acontecia na luta de libertação nacional. O inimigo comum e mais imediato continuará a ser o imperialismo. Porém, as classes trabalhadoras deverão organizar-se num partido proletário e em sindicatos, deverão fortificar-se e aumentar a luta de classes para, a certa altura, vencerem a burguesia e con-

quistarem o poder político. Se o conseguirem, construirão então o socialismo.

Vemos, portanto, que a luta de libertação nacional toma várias formas. Isso depende da força de cada uma das classes que formam o movimento nacional de libertação.

Se as classes trabalhadoras são muito fortes dentro do movimento de libertação, ele tomará um carácter anti-imperialista e socialista com um programa muito nítido de defesa dos interesses dos trabalhadores, pela nacionalização dos meios de produção.

Se as classes trabalhadoras não são muito fortes dentro do movimento de libertação e é a burguesia nacional que o domina, o movimento será anti-imperialista mas capitalista, defendendo a propriedade individual (privada) sobre os meios de produção (terrenos muito grandes, fábricas, minas, etc).

Por isso se diz que a luta de libertação nacional é uma forma especial da luta de classes, que faz parte da luta dos povos oprimidos, contra o imperialismo. Assim, todos os partidos proletários têm como divisa : "PROLETÁRIOS E POVOS OPRIMIDOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!"

8 - AS FORMAS DE LUTA

As formas de luta de classes são muito variadas. Elas dependem da situação do país e das classes que se encontram em luta.

Assim, num país capitalista, o proletariado luta de três formas principais contra o capitalismo :

1 - luta ideológica

É a luta das ideias. Ela é feita através de panfletos, de jornais, de discursos, de conferências, de conversas de politização, de livros, e de palavras-de-ordem escritas nas paredes. Nesta forma de luta, trata-se de explicar a todos os proletários de que maneira se faz a exploração capitalista. Aqui se denunciam as mentiras da burguesia. Procura-se mobilizar o povo trabalhador contra o Estado capitalista. Esta forma de luta é feita nos sindicatos, nas fábricas, nas organizações culturais, nos clubes de recreio, nos clubes desportivos, etc.

2 - luta económica

Esta forma de luta é feita através de pedidos colectivos de aumento de salários, trabalhar o menos possível para atrasar o rendimento de trabalho ("mangonha"), de recusas de trabalho por parte dos trabalhadores, (greves). Estas greves são destinadas a elevar os salários ou para obter outros benefícios, ou ainda para protestar contra os abusos dos patrões (expulsão de dirigentes sindicais, operários despedidos por falta de trabalho, etc).

3 - luta política

Esta forma de luta pode ser armada ou não. A luta política não armada é feita através de manifestações, de assembleias populares, de luta nos Parlamentos, nas eleições, etc.

A luta armada é feita em acções de sabotagem ou de guerra.

Num país colonizado, estas três formas de luta também podem existir. A luta ideológica é feita contra o colonialismo e o imperialismo, tentando mostrar a necessidade de lutar contra a opressão e lutar pela independência completa. A luta económica também deve ser feita, assim como a política, nos casos possíveis.

Quando for possível, o proletariado dos países colonizados deverá também fazer a luta ideológica contra a burguesia nacional, para que

a sua acção negativa possa ser desmascarada. Mas como o problema imediato e principal nos países colonizados é o domínio imperialista, esta luta ideológica contra a burguesia nacional fica muitas vezes em segundo plano. Tudo depende, porém, da força das classes e da posição política da burguesia nacional.

9 - UNIDADE DO POVO

A luta contra o colonialismo e pela independência é sempre vitoriosa, embora possa ser muito longa. E ela é vitoriosa porque as classes oprimidas se levantam contra o domínio estrangeiro e porque, por outro lado, o imperialismo está condenado historicamente a desaparecer.

As diferenças étnicas ou o facto de se pertencer a tribos diferentes não deve impedir a união de todo o Povo. O inimigo comum é o colonialismo e o imperialismo. Os angolanos do Norte ou do Sul, do Oeste ou do Leste de Angola, são explorados mais ou menos da mesma maneira.

No entanto, há em Angola regiões onde o colonialismo é mais forte. Por isso, ele pôde explorar mais as populações dessas regiões do que das outras. E assim, essas populações estão mais revoltadas contra o colonialismo e mais preparadas para lutar contra ele. Noutras regiões, onde o colonialismo não pôde estabelecer-se com toda a força, as populações são menos exploradas. E, por isso, os povos dessas regiões ainda não pegaram em armas contra o explorador estrangeiro. A culpa não é desses povos.

Não é pelo facto de se ser Kikongo ou Kimbundo que se é mais combativo. O que leva todo o Povo angolano a lutar é sobretudo a sua situação em relação ao colonialismo. Todos os angolanos acabarão por se revoltar.

Por isso dizemos que não é por se pertencer a um grupo étnico que se tem uma posição a favor da independência ou contra ela. Os burgueses capatazes do imperialismo não são só de uma tribo angolana. Eles são recrutados entre todos os angolanos. Holden Roberto, agente dos americanos, pertence a uma tribo que luta corajosamente; no entanto, ele trai a luta de libertação.

Em Angola, a luta pela independência nacional está mais avançada nuns regiões do que noutras. Mas, em todas as regiões de Angola, o Povo deseja terminar com a exploração colonialista e capitalista.

Se os angolanos mais conscientes ajudarem os outros menos conscientes a compreender a necessidade da luta armada, Angola em breve será uma fogueira de uma ponta à outra. Essa fogueira queimará para sempre a opressão colonialista e imperialista.

10 - A ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Um povo que luta contra o colonialismo e o imperialismo precisa de se organizar. Uma luta tem de ser preparada e organizada para ser vitoriosa. A organização é necessária em todos os aspectos da vida. Os camponeses, para lavrarem a terra, primeiro combinam como o fazer e dividem as tarefas. Os operários, trabalhando nas fábricas, também preparam primeiro as diferentes operações a fazer. Na luta contra o colonialismo, o povo organiza-se num Movimento de libertação ou num Partido.

Vamos ver como é fundamental e indispensável a organização, para vencermos o colonialismo português e todas as formas de opressão.

Quando começamos a ter consciência da exploração colonialista, nós dizemos aos nossos amigos mais próximos que as coisas não estão bem. Dizemos que a vida está mal, que não temos comida, enquanto outros são riquíssimos e vivem à nossa custa. Dizemos que os colonialistas não têm o direito de roubar as nossas terras, de nos explorar, de nos maltratar. Depois, quando conversamos mais com os nossos amigos vemos que a única maneira de acabar com os sofrimentos é acabar com o colonialismo. Mas como fazê-lo ?

Se vamos insultar sózinhos o patrão, o chefe de posto ou o polícia, somos presos e mesmo mortos. Se queremos protestar contra os salários e somos sózinhos, o patrão despede-nos. Mas se formos muitos a protestar, o patrão já não despede imediatamente todos, porque tem necessidade de trabalhadores. O patrão pode chamar às forças de repressão, mas, se formos muitos, já as forças de repressão podem hesitar. Se formos muitos, poderemos mesmo não ter medo das forças de repressão, quer elas ataquem quer não ataquem.

Mas quando é que a gente perde o medo da repressão ?

Quando já somos muitos a compreender que a exploração colonialista, a opressão, têm que acabar, e quando já nos sentimos fortes para fazer frente ao inimigo.

Mas só somos fortes para enfrentar o inimigo quando somos muitos a pensar da mesma maneira, a querer a mesma coisa, a ter os meios necessários para nos defendermos do inimigo e para atacá-lo.

Como é que se consegue tudo isto ?

Isso consegue-se quando a gente se organizou para lutar. Como é que começamos então a organizar-nos ?

Nós transmitimos aos outros as ideias que temos sobre a exploração, sobre o colonialismo, sobre a necessidade de acabar com a exploração colonialista. Mas falar só com os outros, de vez em quando, não chega. É preciso falar todos os dias sobre a exploração e sobre a maneira de acabar com ela. É preciso que não seja só uma pessoa a falar, senão o inimigo saberá depressa quem é e apanha-a. É preciso combinar com os nossos companheiros a maneira de lutar contra o inimigo: recusar pagar imposto, protestar contra os salários baixos, etc. Mas, para fazer tudo isto, é preciso que haja um grupo que tenha as mesmas ideias, que tenha confiança nos seus elementos, que discuta as coisas que vai fazer.

Por outro lado, para que as ideias sejam conhecidas das massas, é preciso fazer propaganda, quer dizer, começar a espalhar as ideias no Povo. Portanto, é preciso escolher companheiros para o fazer; é preciso trabalhar de maneira que a polícia não descubra que se está a fazer propaganda. Quando se quer fazer bem qualquer acção contra o inimigo, tem de se fazer agitação; quer dizer, tem de se explicar ao Povo, ou só a uma parte dele, que é preciso lutar de uma maneira ou de outra (protestar, fazer manifestação, responder à agressão, atacar com armas, etc).

Mas tudo isto só se consegue se há um grupo organizado ou muitos grupos organizados, ligados entre si. Quer dizer, se há organizações. Ou seja, se os indivíduos conscientes e revolucionários se juntam para fazer propaganda e agitação junto do Povo; se juntam para combinar maneiras de lutar; se juntam para fazer aumentar o número de indivíduos conscientes e de outros grupos organizados; se juntam para levarem o Povo à luta e lutarem com ele contra o inimigo.

A luta pode alastrar a todo o país se há um Movimento ou Partido; só ele pode dirigir os grupos organizados e organizar outros, só ele pode dirigir a luta em todo o país.

A forma de organização depende da luta e das classes que entram nela. Se várias classes estão representadas na organização, então ela é um Movimento. Esse Movimento é uma Frente larga contra o inimigo comum de todas essas classes. Por isso, o seu Programa tem de interessar a todas essas classes e, portanto, não pode ser muito claro. Pela mesma razão, a disciplina nunca é tão severa como num Partido de classe, sobretudo da classe operária.

Depois da independência, um movimento de libertação poderá manter-se na luta contra o imperialismo, ou poderá transformar-se em Partido único, ou poderá separar-se em vários Partidos de classe. Tudo depende, como sempre, da força das classes existentes no país e da

força do imperialismo no país. Um Movimento pode transformar-se num Partido, se uma das classes toma totalmente a direcção dele. Já vimos atrás como isso acontece.

Um Partido é uma organização que reúne os elementos de uma classe. Por exemplo, um Partido proletário comporta os proletários e todas as pessoas que defendam realmente os interesses dos proletários. Por isso, o seu Programa é mais claro que o de um Movimento de Libertação. O seu Programa deve defender fielmente os interesses da classe representada (neste caso, a classe proletária). Num Partido revolucionário a disciplina é mais severa, porque os militantes têm todos a mesma ideologia, que os disciplina da mesma maneira; e porque, para vencer o poderoso inimigo (a burguesia) é preciso um trabalho muito organizado e muito disciplinado.

Vocabulário

A

- ABASTECER - Fornecer; entregar coisas necessárias (o Povo a-bastece os guerrilheiros do MPLA)
- ABELHUDO - Pessoa que se mete em tudo; também pode ser pessoa que se zanga facilmente.
- ACOCORADO - De cóccoras; sentado sobre os calcanhares.
- ACUMULAR - Amontoar; juntar.
- ADAPTADO - De acordo com; habituado; preparado.
- ADUELA - Tábua de barril.
- AFINADO - Ajustado; que funciona bem.
- AGRESSÃO - Ataque.
- ALAGAR - Inundar; encharcar.
- ALARIDO - Grande gritaria.
- ALASTRAR - Estender-se (as queimadas alastram na mata).
- ALFABETIZAÇÃO - Ensino da leitura e da escrita.
- ALIADO - Que está do nosso lado; que nos ajuda numa certa situação.
- AMACHUCAR - Amassar; pisar, estragando.
- ANÁLISE - Estudo cuidadoso; ver uma coisa parte por parte.
- ANÃO - Homem muito pequeno.
- ANEMIA - Doença no sangue que faz perder a força.
- ANULAR - Liquidar; destruir o efeito.
- APUPA - Faz vaías; grita a fazer troça.
- AQUISIÇÕES - Ganhos; conquistas.
- ARRASAR - Destruir completamente.
- ASILO - Casa onde vivem as pessoas que não podem trabalhar (crianças sem família, velhos, pobres, inválidos, etc).

- ASNO - Burro.
- ASPIRAÇÕES - Desejos; ambições.
- ASSFMELEIA - Reunião de numerosas pessoas para resolverem certos assuntos que lhes interessam.
- ASSOCIEM - (forma do verbo ASSOCIAR). ASSOCIAR = juntar-se a outras pessoas para um certo trabalho.

B

- BANIDO - Posto fora; expulso; posto à parte.
- BEM-ESTAR SOCIAL - Comodidade e satisfação que sente a maioria do Povo.
- BENEFÍCIO - Gozar de; aproveitar.
- BROTAR - Nascer da terra; aparecer.

C

- CALHA - (forma do verbo CALHAR). CALHAR = acontecer por aca-so.
- CAPITAIS ES-
TRANGEIPOS - Riquezas pertencentes a estrangeiros que são aplicadas na exploração da riqueza de outro país.
- CARRASCO - Homem que mata os condenados; homem que tortura as pessoas (os agentes da PIDE, os cipaios, etc).
- CASUAL - Que acontece por acaso.
- CASULO - Casa do bicho-da-seda.
- CENSURA - Organização do Estado colonialista português que impede a saída de notícias e livros que esclareçam o povo; o governo colonialista faz isto para impedir que o povo conheça a verdade.
- CLASSE SOCIAL- Conjunto de pessoas que dentro de uma sociedade têm o mesmo lugar na produção e representam os mesmos interesses económicos e políticos.
- COLECTIVO - Comum; que pertence a muita gente.

- COLÓNIA - País que está debaixo do domínio total, político e económico, de outro país.
- COLONIALISMO - Sistema que seguem alguns países poderosos, pelo qual mantêm debaixo do seu domínio político-económico outros países mais fracos.
- COMÉRCIO - Relações que se estabelecem entre homens e povos na base da compra e venda dos produtos.
- COMPANHIAS ESTRANGEIRAS - Associações feitas para o negócio, formadas com capitais de outros países, para obterem grandes lucros e explorarem um país.
- COMPLEXO DE INFERIORIDADE - Mania que uma pessoa tem de que é inferior às outras.
- COMPLEXO - Complicado.
- COMPORTA - (forma do verbo COMPORTAR). COMPORTAR = conter ; também pode ser a placa que tapa a saída da água nas valas ou nas barragens.
- CONSCIÊNCIA - Conhecimento que cada um tem das coisas que se passam à sua volta e consigo próprio.
- CONSCIENCIALIZAR - Fazer cada um ver o que se passa; fazer conhecer aos outros os problemas deles
- CONTORNANDO - Dando a volta; passando à volta; passando ao lado.
- CONVENCIONAL - De acordo com o costume ou com uma combinação ; coisa que é aceite por toda a gente sem muitas vezes se saber porquê.
- COOPERATIVA - Associação de várias pessoas para obter melhoramento económico e social, através do trabalho comum.
- CORRUPTO - Corrompido; subornado; vendido.
- CRAVAR - Espetar.
- CULTURA - Conjunto dos conhecimentos adquiridos pela sociedade.
- CULTURAL - Que diz respeito à cultura.

D

- DEBATE - Discussão sobre um assunto.
- DEMOCRACIA - Tipo de governo ou política que se baseia na vontade do povo. (Os imperialistas dizem que têm de mocracia nos seus países, mas mentem; porque é a burguesia que manda sozinho. A verdadeira democracia é aquela em que foi abolida a exploração; por exemplo, os países socialistas).
- DESTAQUE (EM) - Em evidência; que se faz notar; que salta à vista.
- DISCRIMINAÇÃO - Separação de uma pessoa ou grupo de pessoas do resto da sociedade, por motivos raciais, económicos ou sociais.
- DIVISA - Princípio que guia uma pessoa, grupo, organização ou Partido. (Por exemplo: "A VITÓRIA É CERTA é a divisa do MPLA).
- DOTADO - Que possui determinadas qualidades.
- DROGA - Produto químico; estupefaciente (por exemplo: diamba, cangonha, etc).

E

- EFICIENTE - Competente; muito capaz.
- ESTADO - Conjunto de todos os organismos dum país que se ve para impôr e defender os interesses da classe dominante.
- ESTIMULA - Anima; entusiasma; activa
- ESTRUTURA - Base; conjunto das partes principais de qualquer coisa.
- ÉTNICOS - Relacionados com a ETNIA. ETNIA = é um conjunto de pessoas que têm o mesmo aspecto físico, a mesma organização social e a mesma cultura.
- EXCELENTE - Muito bom.
- EXCEPCÃO - Coisa que não acontece muitas vezes.
- EXCESSO , - A mais; aquilo que está a mais.
- ÊXODO - Fuga de um povo do seu país devido a um grave a-

contecimento (por exemplo: o ÊXODO dos angolanos , para o Congo, devido à feroz repressão colonialista).

- EXPLORAÇÃO - Acto de se aproveitar do trabalho de outros em seu próprio benefício.
- EXTRAORDINÁRIO - Fora do vulgar.

F

- FANTOCHE - Boneco de palha que imita o homem; em política, é o homem que faz o que o imperialismo quer (por exemplo: Tshombé e Holden Roberto).
- FETO - Uma planta; criança nos primeiros meses de formação, antes de nascer.
- FORCA - Pau e corda para matar pessoas por asfixia.
- FRATERNIZANDO - (forma do verbo FRATERNIZAR) : estando junto como numa família; tendo o sentimento de união entre os homens.
- FRISAR - Notar; chamar a atenção.
- FUNDAMENTAL - Principal; muito importante.

G

- GANÁ - Raiva.
- GAZUA - Instrumento que abre qualquer fechadura.
- GÉNERO - Grupo de coisas com a mesma qualidade; mercadoria.
- GÉNIO - Grande inteligência; maneira de ser de uma pessoa.
- GERADOR - Que dá origem a qualquer coisa; (por exemplo: máquina de fazer electricidade).
- GOVERNO - Organismo do Estado que dirige o País (conjunto de ministros).
- GULA - Vício de comer muito e comer todas as coisas boas.

- HESITAR - Não agir rapidamente; vacilar; não saber qual decisão tomar.
- HIGIENE - Medidas para conservar a saúde; limpeza e asseio.

I

- IDEOLOGIA - Conjunto de ideias políticas e culturais de uma classe social.
- ÍDOLO - Coisa a que se atribui um poder divino; pessoa que se tornou muito popular e que toda a gente quer imitar.
- IGUALITÁRIO - Em igualdade; que defende a igualdade.
- IMINENTE - Que pode acontecer de um momento para o outro; próximo.
- INCITAR - Encorajar; animar; estimular.
- INDISPENSÁVEL - Muito necessário; coisa sem a qual não se pode passar.
- INFERORIZADO - Colocado numa situação desvantajosa; em situação inferior.
- INFLUÊNCIA - Acção exercida por qualquer coisa, pressão; domínio
- INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO - Instrumentos e ferramentas que servem para produzir os bens materiais.
- INTERPRETAÇÃO - Maneira como se compreende um assunto.
- INTERVIR - Meter-se numa acção; meter-se nos assuntos dos outros (os Estados Unidos da América intervieram no Congo e no Vietnam).
- INVOCADO - Apelado; chamado; lembrado.
- IRRIGAR - Fazer chegar água às terras, por meio de valas, para as regar.
- ISOLAR - Separar dos outros; cortar o apoio dos outros (por exemplo: a UPA está isolada porque não tem o apoio do Povo angolano).

J

- JUVENTUDE - A parte mais jovem da população; organização dos jo

vens de um Movimento ou Partido político, duma associação cultural, desportiva ou outra.

L

- LATIFÚNDIO - Grande extensão de terra (fazenda), nas mãos de uma só pessoa ou companhia.
- LÍDER - Chefe de um Partido; chefe nacionalista; dirigente de massas populares.
- LUPA - Vidro especial que faz aumentar as coisas, quando olhamos por ele.
- LUZIR - Brilhar.

M

MATÉRIAS

- PRIMAS - Materiais que se utilizam nas indústrias para fabricar outros produtos.

MEIOS DE

- PRODUÇÃO - O conjunto dos instrumentos de produção e das terras, da água, florestas, etc. Quer dizer, o conjunto de tudo o que serve para o Homem produzir bens materiais.

MERCENÁRIO

- Indivíduo que faz a guerra para ganhar dinheiro.

MÉTODO

- Maneira de fazer uma certa coisa.

MONOPÓLIO

- Empresa que trata de controlar toda a produção de todo o país em determinados ramos da indústria, do comércio e das finanças, para obter maiores lucros.

MORGUE

- Casa do hospital onde se guardam os mortos antes de se enterrarem.

MÚTUO

- Recíproco; entre duas ou várias pessoas; entre duas ou várias coisas.

N

NAÇÃO

- Conjunto dos habitantes de um país que se sentem

unidos material e culturalmente e que têm a consciência de formar uma unidade distinta dos outros países (Angola é uma NAÇÃO diferente do Congo).

- NACIONALIZAÇÃO - Transformação das riquezas dos estrangeiros num país em propriedade da Nação para serem utilizados em proveito de todo o Povo.
- NEGOCIAÇÃO - Discussão entre duas partes para fazerem um acordo
- NÍTIDO - Claro; que se vê bem; evidente.

O

- OBTER - Adquirir; conseguir uma coisa; ganhar.
- OFENSIVA - Ataque.

P

- PACTO - Aliança; acordo para a defesa de interesses mútuos (a OTAN é um PACTO militar que ajuda Portugal; chama-se: Organização do Tratado do Atlântico Norte)
- PAÍSES
- DEPENDENTES - Países que não têm dependência económica ou política.
- PARTICULARIDADE - Qualidade especial.
- PERSISTÊNCIA - Qualidade daqueles que não desistem de um trabalho começado; assiduidade; esforço contínuo.
- PERSPECTIVA - Forma de ver as coisas à distância.
- PIDE - Polícia política do governo português que serve para espiar a actividade política das pessoas, para prender e matar os patriotas. É ela que manda em todas as outras forças de repressão. A PIDE é composta de bandidos, de ladrões e de criminosos.
- PRECEDIDO - Que tem qualquer coisa antes.
- PRODUÇÃO - Conjunto dos produtos da terra ou da indústria.
- PROGRAMA - Descrição do que se pensa fazer.
- PROGREDIREM - (forma do verbo PROGREDIR): desenvolverem-se.

PROPRIEDADE

PRIVADA- Domínio de um particular sobre certas riquezas.

PROPRIEDADE

COLECTIVA- Domínio da sociedade sobre as riquezas.

PROSPERAR - Progredir; aumentar a riqueza.

PRUMO - Vertical; de pé.

R

REACCIONÁRIO - Tudo o que é contra o progresso; tudo o que é contra a revolução.

RECEAR - Ter medo.

RECREAÇÃO - Divertimento; distração.

RECRUTADO - Mobilizado; angariado.

REFLEXO - Imagem dada por um espelho; retrato de qualquer coisa.

REFORMA

AGRÁRIA - Divisão da terra e organização da produção agrícola, para que as riquezas cheguem a todo o povo.

REGIONALISMO - Maneira de ver as coisas que se limita a uma região; defesa exagerada da sua região.

RESPECTIVA - Que diz respeito a.

REVOLUÇÃO - Mudança violenta e profunda, económica, política e social, que se faz num país.

RIQUEZAS - Bens económicos que pertencem a países ou a pessoas.

S

SABOTAGEM - Acção que se faz com o fim de prejudicar.

SALÁRIO - Quantidade de dinheiro que se dá a alguém pelo seu trabalho.

SEGREGAÇÃO - Discriminação

SIGLA - Letras iniciais do nome de uma organização.

SOBERANIA - Direito que tem o Povo de governar-se ou dirigir -se a si próprio.

- SOCIAL - Pertencente à sociedade.
SUCESSIVAS - Que se seguem umas às outras.

T

- TÍMIDO - Pessoa que tem vergonha dos outros; acanhado.
TRAILOR - Indivíduo que se vendeu ao inimigo e que age contra o Povo.
TRIBALISMO - Só querer o bem da sua tribo.
TÚMULO - Sepultura.
TURMA - Grupo de alunos numa escola.
TURNO - Período de trabalho; vez.

V

- VACILAR - Hesitar; não estar seguro; não estar firme.
VAGIDO - Choro de bebê; lamento.
VANGUARDA - Parte do exército que vai à frente; parte mais progressista dum Movimento, Partido, classe social ou Povo.
VARÍOLA - Bexigas.
VEREDA - Caminho estreito.
VIGILÂNCIA - Qualidade de observar cuidadosamente o que se passa; a vigilância revolucionária é a atenção a tudo o que se passa na revolução a fim de eliminar os contra-revolucionários e os oportunistas.
VISUAL - Que diz respeito à vista.
VÍVERES - Comida; alimentos.

Z

- ZORRA - Carroça de transporte sem rodas; espécie de vagoneta do caminho de ferro.

Edição do Movimento Popular de Libertação de Angola - 1968

01317
E1-04